

DIÁLOGOS COM A CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE ESTILO: DA FORMA COMPOSICIONAL À FORMA ARQUITETÔNICA

Willame Santos de Sales (UFRN)
wisasa33@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)
penhalves@msn.com

1. Introdução – contextualização do problema, perspectiva teórica da reflexão, objetivos e organização do texto

O presente artigo pretende discutir a noção de estilo a partir da perspectiva teórica construída nas obras de Bakhtin (2010; 2011) e de outros autores do Círculo, especialmente Medviédev (2012) e Bakhtin & Voloshinov (2010). Antes, porém, de qualquer consideração, convém ressaltar que, muito embora tenhamos, como linguistas aplicados, interesse particular em situar a estilística no âmbito da produção verbal artístico-literária, seria um atentado ao pensamento bakhtiniano restringir a matéria apenas aos discursos circulantes no mundo da arte. É claro que, na maioria das vezes, no bojo dos estudos linguísticos, as ponderações sobre estilo se resumem a essa seara, principalmente porque se tem a ideia de que tal tema diz respeito a uma propriedade intrinsecamente ligada à expressividade de determinado autor, poeta, artista, obra ou, ainda, movimento literário.

Além disso, apesar de estarmos cientes de que este argumento pode incorrer no risco de se constituir numa incoerência teórica e num desconhecimento do pensamento bakhtiniano, existe ainda o fato de que, praticamente, todas as reflexões e todos os conceitos pensados por Bakhtin o tenham sido com base em análises de textos literários. Basta lembrar que dois dos principais trabalhos monográficos do autor versaram sobre obras literárias de Dostoievski e Rabelais. Tudo isso pode, portanto, concorrer para o fato de, ainda hoje, estudiosos darem uma ênfase à questão da estilística, de modo a reduzi-la tão-somente ao âmbito literário, o que, na verdade, é um equívoco, haja vista que o estilo está presente em toda espécie de enunciado, sendo uma característica própria de todos os gêneros discursivos, conforme preconizado, inclusive, nos estudos sobre literatura encampados pelo Círculo.

Consoante Bakhtin (*apud* PONZIO, 2009), essa “generalidade” ou “onipresença” do estilo ocorre porque toda reflexão sobre a linguagem e toda manifestação de linguagem, seja ela atinente à palavra literária ou à não literária, não pode se fazer senão a partir de uma reflexão sobre a palavra em geral, uma vez que ambas (tanto a palavra literária quanto a não literária) emergem de um mesmo centro de valor – o ser humano, social e historicamente constituído. Para o mencionado filósofo da linguagem, “as potencialidades da forma artística já estão presentes na enunciação da vida cotidiana, apesar de se expressarem no enunciado verbal artístico de forma especial” (BAKHTIN, *apud* PONZIO, 2009, p. 56). Tendo isso em mente, é forçoso reconhecer que a questão estilística, decerto, deve atravessar outros discursos que não apenas os literários.

Fizemos questão de frisar esse aspecto porque, ao final deste estudo, temos a intenção de situar a problemática da estilística literária dentro da seara das pesquisas em Linguística Aplicada (LA), embora muitas vezes o senso comum nos leve a pensar que tal assunto está mais para os estudos literários. Isso poderia reforçar a ideia de que estilo é algo ligado, primordialmente, ao texto literário. Não gostaríamos, desse modo, de

induzir nosso leitor a imaginar que o estilo está circunscrito somente ao mundo da literatura. Pelo contrário, em apreço ao pensamento bakhtiniano, queremos esclarecer que o estilo compõe toda e qualquer espécie de gênero do discurso, seja literário ou extraliterário, muito embora aqui nos refiramos principalmente ao primeiro.

A nós, aqui, interessa, especificamente, discorrer sobre a noção de estilo no bojo do pensamento bakhtiniano, contrapondo-a à ideia de estilo segundo a corrente tradicional (delineada, especialmente, por Charles Bally e Karl Vossler), com a qual pretendemos estabelecer relações numa perspectiva essencialmente dialógica, marca característica da linguagem e, conseqüentemente, da abordagem teórica que damos a esse fenômeno.

Quanto à organização do texto, estruturamos sua tessitura em sete seções: a primeira delas (**Introdução – contextualização do problema, perspectiva teórica da reflexão, objetivos e organização do texto**) objetiva apresentar e situar o problema a ser discutido, definir o lugar teórico a partir do qual falamos, bem como os objetivos da reflexão, e, por fim, tratar da organização que demos as nossas ideias; a segunda seção (**Percorso metodológico**) trata da definição dos procedimentos adotados para a consecução da pesquisa; a terceira (**Fundamentação teórica**), por seu turno, cuida de apresentar, sucintamente, os conceitos basilares sobre os quais se sustentam as reflexões realizadas no artigo, a exemplo de concepção dialógica de linguagem, gêneros discursivos, enunciado concreto e autoria; a quarta (**Sobre as duas estilísticas – a tradicional e a sociológica**) tem como proposta delinear, minimamente, os dois pontos de vista confrontados na reflexão a ser feita; a quinta seção (**As duas estilísticas e suas relações com a forma composicional e a forma arquitetônica**), por sua vez, cuidar de apresentar as relações que, a nosso ver, existem entre as duas acepções dos estudos estilísticos a que nos referimos e as noções de *forma composicional* e *forma arquitetônica*, ambas propostas por Bakhtin; a sexta e penúltima seção (**“Estilo literário” – uma questão (também) de Linguística Aplicada**) deve dar conta de apontar indícios de que os estudos de estilística dos gêneros literários podem se situar na grande área da LA; e, por fim, a sétima e última seção (**A título de (in)conclusões**) trata de apresentar as conclusões momentâneas e as contribuições do presente estudo para a estilística sociológica.

Importa dizer, finalmente, que será com base nas duas noções fundamentais de estilística (aqui chamadas de tradicional e sociológica) e suas inevitáveis relações dialógicas que construiremos nossas reflexões acerca da questão. Com isso, pretendemos contribuir, ainda que modestamente, para a compreensão dessa complexa temática, ainda carente de estudos elucidativos.

2. Percorso metodológico

Postas as bases fundamentais sobre as quais se assenta a discussão ora iniciada, é chegada a hora de apresentarmos a metodologia que elegemos para apresentar nossas reflexões. Nesse diapasão, a fim de perpetrarmos o presente estudo e atingirmos os objetivos propostos, não nos preocupamos em adotar este ou aquele método e seguir rigorosamente seus preceitos como que em busca da tão festejada (e positivista) objetividade científica, suposta garantidora da verdade do conhecimento produzido.

Adotamos, sim, uma postura metodológica frente a nosso objeto de estudo, uma vez que o fazer científico pressupõe um caminho, um percurso procedimental que nos possibilita chegar a conclusões (ou a inconclusões). Aliás, em tudo na vida (e não somente na ciência), esse caminho é uma condição *sine qua non* à consecução dos

objetivos a que nos propomos. No entanto, precisamos confessar que, em momento algum, nos preocupamos com qualquer rigidez de forma ou categorização de método, de modo que nos permitimos, simplesmente: (i) trilhar um percurso de investigação baseado em obras bakhtinianas e de outros autores do Círculo e (ii) promover as reflexões que julgamos pertinentes e elucidativas em relação à questão do estilo.

3. Fundamentação teórica

Algumas reflexões apresentadas neste trabalho requerem um lastro cognoscitivo sem o qual as ponderações realizadas não fazem sentido. Desse modo, a fim de uma satisfatória compreensão, não podemos olvidar de algumas questões, especialmente, as discussões sobre a natureza dialógica da linguagem, a noção de gêneros discursivos, o enunciado concreto e a questão da autoria em Bakhtin. Por esse motivo, a seguir, abordaremos, minimamente, esses quatro tópicos.

(i) Natureza dialógica da linguagem

Bakhtin (2011) concebe a linguagem não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade axiologicamente saturada; não como um ente gramatical homogêneo, mas como um fenômeno sempre estratificado. Tal estratificação se dá não apenas por fatores temporais ou espaciais, mas axiologicamente pelos índices sociais de valor. É por esses fatores que, na visão de Bakhtin, a linguagem é concreta (em oposição à noção de linguagem enquanto código abstrato) e estratificada pelos valores provenientes da diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais.

Nesse sentido, o caráter dialógico da linguagem é tratado por Bakhtin (2011) levando-se em conta não apenas as características sintáticas e léxico-semânticas, como o fazem a linguística textual. Essa concepção estreita de dialogismo é bastante criticada por Bakhtin, que entende as relações dialógicas como *relações de sentido* que se estabelecem entre enunciados, tendo como referência o todo da interação verbal (e não apenas o evento da interação face a face).

Desse modo, para haver relação dialógica, é preciso que qualquer material linguístico tenha entrado na esfera do discurso, transformado-se em enunciado e fixado-se enquanto posição de um sujeito social. Só a partir daí é que se torna possível uma resposta, seja ela confrontadora, acolhedora, confirmadora, ampliadora, explicativa, etc. Em resumo, só a partir do momento em que um enunciado entra na esfera do discurso é que se pode estabelecer, com outros enunciados também adentrados nessa mesma esfera, relações de sentido que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas.

(ii) Noção de gêneros discursivos

No que respeita aos gêneros discursivos, Bakhtin (2011) os concebe como enunciados relativamente estabilizados e tipificados ideológica e dialogicamente nas diversas situações sociais de interação, considerando que todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso da linguagem. Nessa perspectiva, pontuam Pereira & Rodrigues (2009)

As realizações lingüístico-discursivas se efetuam como enunciados, que se legitimam e refletem as condições sociais de produção que estão pressupostas nas interações de que fazem parte. O enunciado materializa as condições e as finalidades de cada uma das esferas sociais desses enunciados, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se estabilizam na forma de gêneros.

Tratando do tema, Bakhtin (2011) afirma que a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana em relação às suas esferas sociais. Estas, por sua vez, nada mais são do que espaços de regularização e significação social dos gêneros, espaços de interação nos quais os gêneros se constituem e funcionam.

(iii) O enunciado concreto

À guisa do pensamento bakhtiniano, não é difícil compreender a noção de enunciado concreto. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, assinado Voloshinov/Bakhtin (2010), diz-se que são três os seus fatores definidores: a alternância dos sujeitos, a conclusibilidade e o estilo. A seguir, trazemos o que, ao nosso ver, importa saber a respeito.

O primeiro dos aludidos fatores definidores, **a alternância dos sujeitos**, significa dizer que todo enunciado pressupõe, antes de seu início, enunciados anteriores (normalmente, de outros sujeitos), e após seu fim, pressupõe enunciados responsivos (uma compreensão ou uma ação ativamente responsiva de outros sujeitos manifestada sob a forma de enunciados posteriores àquele). O enunciado, portanto, só se concretiza de fato quando ocorre essa alternância efetiva dos sujeitos no discurso.

O segundo, **a conclusibilidade**, é intimamente ligada à alternância dos sujeitos e diz respeito à inteireza do enunciado, ocorrendo quando o falante/escritor, com base num projeto de discurso, isto é, um plano do que pretende dizer, e alicerçado sob uma determinada forma típica composicional (um gênero do discurso), exaure semanticamente seu objeto, dizendo tudo o que era possível de dizer naquela dada situação.

E o terceiro, **o estilo**, refere-se aos meios lingüísticos, às escolhas de linguagem através das quais o discurso é materializado sob a forma de um enunciado. A adoção deste ou daquele estilo, dirá Bakhtin, vai depender de fatores ligados à compreensão que o falante tem do chamado “fundo aperceptível da percepção do seu discurso pelo destinatário”, além de outros como o grau de proximidade com o ouvinte/leitor ou ainda seus títulos, categoria, patente, riqueza, peso social, idade, etc.

(iv) Brevíssimas considerações sobre autoria

A partir da pesquisa com um *corpus* literário, Bakhtin vai definir a noção de palavra literária, a qual passa, necessariamente, pela consideração do tripé *autor – herói – destinatário* da obra. É, desse modo, na caracterização da palavra literária que Bakhtin vai realizar as reflexões sobre a noção basilar da autoria. Mesmo em textos poéticos (em

sentido estrito), que se caracterizam por um movimento monologizante, essa relação autor – herói – destinatário se faz presente. Aqui, no entanto, interessa-nos somente a questão da autoria. Não que possamos, de repente, isolar a autor e deixar de considerar herói e destinatário, mas para a discussão que este artigo encerra, de fato, não necessitaremos tecer maiores comentários sobre esses dois últimos.

Assim, autor, em Bakhtin (2011), pode ter duas acepções, quais sejam, autor-criador (elemento constitutivo da obra, tal qual os heróis e os destinatários) e autor-pessoa (componente da vida real e alheio à relação entre autor e personagens da obra). O autor-criador é o que realmente nos importa, pois é ele quem dá forma ao objeto estético, sendo responsável pelo acabamento.

A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. (BAKHTIN, 2011, p. 11)

Não se pode, nesse sentido, confundir o autor-criador com a personagem (que fala e atua na obra) ou com o autor-pessoa (elemento do acontecimento ético e social da vida). Obviamente, por vezes, o autor se vale do personagem para propagar suas próprias ideias, mas isso foge ao tratamento estético da personagem, convertendo-se, por vezes, em mero prosaísmo.

4. Sobre as duas estilísticas – a tradicional e a sociológica

Como dito anteriormente, interessa-nos discorrer sobre a noção de estilo no bojo do pensamento bakhtiniano, mas, para tanto, precisaremos contrapor tal noção à ideia de estilo segundo as correntes tradicionais, desenvolvidas, principalmente, pelos linguistas europeus Charles Bally e Karl Vossler, ainda nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, cumpre registrar que até o final do século XIX não havia uma concepção de estilística como campo de investigação autônomo, ou seja, é com esses últimos dois estudiosos citados que a estilística ganha o *status* de disciplina independente. Bally e Vossler são considerados, portanto, os fundadores dessa estilística mais moderna. Aqui, pontuaremos algumas considerações propostas pelos aludidos linguistas, com base em Araújo (2001), apenas no intuito de posicionar e contextualizar a inovação proposta por Bakhtin no que diz respeito aos estudos nessa área.

Charles Bally, estudioso suíço, foi discípulo de nada menos que Ferdinand de Saussure, tendo sido, inclusive, responsável, juntamente com outros alunos do pai da Linguística moderna, pela organização das notas de aula e publicação das ideias deste. Tal fato já é mais que suficiente para apontar a provável episteme do pensamento de Bally. Profundamente influenciado pelas ideias do mestre, o linguista desenvolveu sua

teoria sobre estilística tendo por base a noção de língua em oposição e em detrimento da noção de fala. Em pelo menos três obras, o referido estudioso discorre sobre a questão estilística. São elas: *Compêndio de Estilística* (1905), *Tratado de Estilística Francesa* (1909) e *A Linguagem e a Vida* (1913).

A língua, considerada como um fenômeno de natureza social e coletiva, cujo objeto de estudo deveria ser o sistema de signos, foi, para Bally, a base da sua estilística, motivo pelo qual se costuma atribuir ao seu pensamento a alcunha de *estilística da língua*, em oposição, inclusive, a Karl Vossler, que idealizou uma *estilística da fala*, conforme veremos mais adiante. Tomando por lastro o pensamento saussuriano de que o signo é composto por significante (parte perceptível) e significado (parte intelectual), Bally compreendeu que este último exprimiria não somente o conceito, mas também a afetividade, na qual residiria a questão do estilo.

A intenção de Bally era, de fato, situar os estudos estilísticos no âmbito exclusivo da *langue* (sistema, código abstrato, imposto pela comunidade), desconsiderando totalmente a ideia de fala, *parole*, isto é, as realizações individuais e concretas daquela língua. Questões extralinguísticas não poderiam ser levadas a sério nos estudos de estilística, ou seja, diálogo estilístico, situacionalidade, historicidade, carga axiológica, ideologias, dentre tantos outros fatores que não eram enxergados pelo viés estruturalista dos estudos linguísticos, estavam todos de fora da investigação do estilo.

Como bom estruturalista e positivista, Bally entendeu que, ao falar, os indivíduos não criam linguagem, apenas usam o código que lhes é imposto pela comunidade. Tendo isso em mente, a caracterização do estilo repousaria, então, não na oposição *indivíduo x coletividade*, uma vez que essa dicotomia, inclusive, exorbitava da noção de língua-sistema. O estilo resultaria, outrossim, do contraste entre os dois componentes do significado, o afetivo e o intelectual, estes, de fato, circunscritos ao âmbito da língua-sistema. Bally chamou esses dois elementos, respectivamente, de componente parassemântico e semântico e suas reflexões foram concebidas de modo tão marcadamente estruturalista que o seu método de investigação pressupôs a análise estilística nos níveis fônico, morfológico, sintático, semântico. Para Bally, cumpria à estilística o estudo do componente parassemântico (afetivo, emotivo) e à linguística, o do elemento semântico (intelectivo).

Na outra esteira, Karl Vossler, linguista alemão, tomou caminho distinto do de Bally. Influenciado pela concepção idealista do linguista italiano Benedetto Croce, para quem a linguagem era entendida como uma criação expressiva individual, próxima da poesia e, conseqüentemente, da produção artística, Vossler compreendeu que, se cada indivíduo produz sua própria linguagem, tal produção há de ter um valor artístico, mesmo que não plenamente estético. Tal concepção levou o mencionado teórico a pensar numa estilística da fala, conforme já mencionamos anteriormente, em oposição à *estilística da língua* idealizada por Bally, o que lhe permitiu, ainda, contribuir para as bases de uma estilística literária.

Tendo por base a compreensão de que língua é, na verdade, uma energia criadora, espiritual e imanente e não um sistema governado por rígidas leis e imposto pela comunidade ao indivíduo, Vossler, então, compreenderá a estilística como uma disciplina cuja razão de ser é a de estudar a linguagem como uma criação individual e artística. Muito embora, mais à frente, o aludido linguista tenha vindo a divergir do idealismo de Croce, admitindo, por exemplo, que parte da linguagem é puramente instrumental e prática, o cerne da sua discussão repousou na ideia de linguagem como poesia, o que, como dito, aproximou a estilística dos estudos literários. Supondo que,

para definir a questão do estilo, o investigador deveria considerar a análise de toda a produção de um autor, com vistas na definição de sua personalidade criadora, Vossler se divorcia totalmente do construto idealizado por Bally. Para o primeiro, o estilo seria definido no âmbito da *parole* (as obras do autor, sua personalidade criadora), mesmo que não fosse possível desconsiderar totalmente a língua, enquanto que, para o último, o estudo deveria se situar na seara da língua-sistema.

Considerando as bases sobre as quais se assentam os pensamentos de Bally e Vossler, não fica difícil compreender que, via de regra, no âmbito da corrente da estilística clássica, a noção de estilo é pensada tão-somente como particularidade e recorrência, ou seja, a caracterização estilística de um autor residiria apenas na forma como sua linguagem se diferencia da dos demais autores e como tal atitude se torna recorrente em sua obra. Muito embora o foco dos estudos ora estivesse centrado na língua e ora na fala, a estilística era considerada, geralmente, uma questão de idiosincrasia, de expressividade particularizada, o que aponta para uma íntima relação entre estilo, personalidade, afetividade e individualidade. Ainda nessa abordagem, saindo um pouco da esfera do autor, quando muito, o tema era tratado em função do texto e de suas formas de organização em comparação às múltiplas possibilidades oferecidas pela língua. Mesmo assim, a discussão sempre girou em torno do mesmo cerne – “as harmônicas individuais e orientadoras do estilo, ignorando-se o seu tom social básico” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

É nesse contexto que Bakhtin (2010), mais uma vez com base em estudos sobre *corpora* literários, lança as bases da sua estilística sociológica. Na esteira dessa concepção, o estilo é pensado de modo bem mais abrangente, considerando-se não somente os aspectos composicionais do texto, mas também (e principalmente) as inter-relações, dentro de uma escala avaliativa, entre autor, herói e ouvinte da enunciação, numa perspectiva multidimensional (ou pelo menos, tridimensional – autor, herói e destinatário). Nessa perspectiva, grosso modo, importa considerar que a construção do estilo em determinada obra e por determinado autor não é simplesmente uma questão isolada de escolhas individuais, mas está ligada, intrinsecamente, à vida social do discurso, às relações dialógicas que o discurso do referido autor estabelece com outros discursos (seus e de autores outros).

Bakhtin (2010), em sua famosa discussão sobre a teoria do romance, vai dizer que a estilística tradicional não é capaz de dar conta do estilo nesse gênero literário, uma vez que parte de uma concepção de língua e linguagem abstratas, desprovidas de uma abordagem filosófica e sociológica. Na visão desse autor, “a própria concepção de discurso poético, que se encontrava em sua base, eram inaplicáveis ao discurso romanesco” (BAKHTIN, 2010, p. 73). Isso porque a prosa romanesca é entendida essencialmente como uma realidade pluridiscursiva, plurivocal e plurilinguística, ao passo que a estilística tradicional só conhece o discurso monologizante, monovocal.

É com base nessa inconsistência teórica que Bakhtin vai conceber uma nova forma de pensar a questão do estilo para além daquela de vertente saussuriana, segundo a qual a compreensão do fenômeno passa, exclusiva e necessariamente, pela noção de individualização da língua geral. De forma muito elucidativa, Bakhtin (2010, p. 76) dirá que “a verdadeira premissa da prosa romanesca está na estratificação interna da linguagem, na sua diversidade social de linguagens e na divergência de vozes sociais que ela encerra”. Por esses motivos, a insuficiência da estilística tradicional em dar conta do fenômeno romanesco, uma vez que fora forjada no curso das tendências centralizadoras da vida linguística, ignorando o evidente plurilinguismo da vida.

Para essa concepção sociológica de estilística, o estilo é necessariamente dialogizado. Ora, a obra literária (seja ela romanesca ou não) concebida como um enunciado concreto, como a materialização de um discurso, que, por sua vez, já é constitutivamente dialogizado, não pode ser estudada senão a partir de uma concepção que a tome como um todo orgânico, em que se considerem os aspectos filosóficos e sociológicos de sua criação, ou seja, seu tom social básico e não simplesmente suas “harmônicas individuais”, sua forma composicional, sua individualização puramente.

Confrontando aqueles que disseram que a pluridiscursividade do romance retira-lhe o caráter literário, Bakhtin dirá que

a orientação do discurso por entre enunciações e linguagens alheias e todos os fenômenos e possibilidades específicas ligadas a esta orientação, recebem, no estilo romanesco, uma significação literária. A pluridiscursividade e a dissonância penetram no romance e organizam-se nele em um sistema literário harmonioso. Nisto reside a particularidade específica do gênero romanesco. (BAKHTIN, 2010, p. 105 – 106).

Ainda segundo esse autor, “a única estilística adequada para esta particularidade do gênero romanesco é a estilística sociológica” (BAKHTIN, 2010, p. 106). Nesse sentido, a estrutura estilística do romance, sua forma e seu conteúdo são todos determinados pelo contexto social concreto, sendo que tal determinação não ocorre a partir de fora, mas sim de dentro, pois o diálogo social ressoa no próprio discurso e em todos os seus elementos, sejam eles de “forma” ou de “conteúdo”. Introduzidos no romance, o plurilinguismo e o diálogo chegam a profundidades moleculares e todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas organizadas no romance em um “sistema estilístico harmonioso”, o qual expressa “a posição sócio-ideológica *diferenciada* do autor no seio dos diferentes discursos de sua época” (BAKHTIN, 2010, p. 106). É, portanto, a partir dessas ponderações e sob essa perspectiva que se forjarão as noções de estilo e estilística no interior do pensamento bakhtiniano.

5. As duas estilísticas e suas relações com a *forma composicional* e a *forma arquitetônica*

No item 1, situamos o problema sobre o qual pretendemos refletir neste artigo e delineamos o fio condutor da discussão que estamos elaborando. Abordamos, para tanto, no item 4, as duas noções fundamentais sobre as quais o trabalho se desenvolverá, quais sejam, estilística tradicional e estilística sociológica. No presente item, queremos voltar a esse assunto, de modo a explicitar, mesmo que de forma incipiente, como, em nossa visão, a mencionada primeira noção pode estar associada à questão da *forma composicional*, ao passo que a segunda noção pode ser aproximada da ideia de *forma arquitetônica*, tendo por base, obviamente, os construtos bakhtinianos.

A primeira acepção de estilo – a tradicional –, para nós, está, de certo modo, ligada à ideia de *forma composicional*, ou seja, atrelada, eminentemente, ao funcionamento do gênero discursivo e às noções de (i) estilo funcional (quando consideramos estilo, na perspectiva do texto, como sendo um modo de organização da forma frente às múltiplas possibilidades oferecidas pela língua) e (ii) desvio em relação

a essa forma, digamos, prototípica (e aqui, passamos a considerar o estilo como uma questão de idiosincrasia, de expressividade individual).

Na verdade, o próprio gênero, de fato, aponta para a forma, para o conteúdo e para a direção do estilo. Bakhtin vai admitir isso ao dizer que “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 265). No entanto, continuando essa mesma reflexão, o mencionado autor vai dizer que

todo enunciado – oral ou escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p. 264).

Nesse sentido, os gêneros mais favoráveis, digamos, à “liberdade estilística”, seriam os da literatura de ficção, nos quais o estilo integra a própria essência do enunciado, sendo mesmo um dos seus objetivos principais (importante lembrar que, mesmo dentro dessa categoria, existem aqueles gêneros mais ou menos favoráveis à expressão da individualidade). Por outro lado, os gêneros menos propensos seriam os que requerem uma forma padronizada (documentos oficiais, ordens militares etc.). Nestes, a liberdade do autor-criador seria quase nula.

Não pensemos, com isso, que, na esteira do pensamento bakhtiniano, há um reducionismo do estilo à questão da expressão individual do autor, tal qual na estilística tradicional. O que ocorre é exatamente o oposto, ou seja, um alargamento dessa visão, tendo em vista a necessidade de se considerar o inescusável tom social do estilo. Para bem compreendermos as afirmações acima é preciso considerar duas questões:

- (i) O gênero discursivo é uma criação social, histórica e situada, muito longe da noção de abstração linguística. Logo, desde seu nascimento, está atravessado por cargas valorativas que se incorporam ao seu próprio DNA, ainda que sejam possíveis (e inevitáveis) mutações ao longo da história; e
- (ii) O enunciado, que, podemos dizer, é a concreta materialização do gênero, estabelece, necessariamente, relações dialógicas com outros enunciados e isso, como já adiantado, entra como elemento constitutivo da própria composição do estilo individual.

Considerando essas duas ponderações, afirmamos que o estilo, mesmo individualmente considerado, já nasce coletivo, social e dialógico, em razão da inevitável interlocução do discurso do autor-criador com discursos outros com os quais se relaciona. É preciso compreender esse aspecto para não incorreremos no erro de imaginar que, na visão bakhtiniana, o estilo é, simplesmente, uma questão de idiosincrasia, uma expressão da individualidade.

Com as afirmações cima, acabamos por entrar na seara do que chamamos de a segunda acepção de estilo, qual seja, a sociológica, a defendida pelo Círculo. No nosso entendimento, tal concepção se aproxima do que Bakhtin nomina de *forma arquitetônica* do gênero e do enunciado, relacionada à ideia de organização dos discursos e não somente à de organização das palavras, dos textos. Na cadeia discursiva, um enunciado é apenas mais um (e aqui não há intenção de menosprezo, pelo contrário) dentro de uma gama de outros enunciados ligados pelo elo da responsividade. Qualquer

abordagem que se queira fazer sobre esse evento de linguagem, incluindo a estilística, deve ser feita considerando esse aspecto fundamental – as relações dialógicas.

Nesse sentido e de certo modo, a primazia na discussão do estilo se desloca da *forma composicional* para a *forma arquitetônica*, haja vista que o enunciado é encarado como a materialização de um discurso culturalmente valorado e responsivo em relação a outros discursos com os quais dialoga. O enunciado não é, nesse sentido, um ato isolado de um contexto sócio-histórico mais amplo, não é um evento descolado da cadeia discursiva. Pelo contrário, é um evento único, individual e irrepetível, mas que se constitui dentro desse contexto e dentro dessa cadeia, sendo, dessa feita, tanto sua forma quanto seu conteúdo profundamente influenciados por essas questões.

6. “Estilo literário” – uma questão (também) de Linguística Aplicada

Com base nas ponderações havidas até aqui, tentaremos, agora, compreender e elucidar como o estilo, visto nessa perspectiva dialógica e sociológica, pode inserir-se na óptica dos estudos em Linguística Aplicada (LA), considerando, para tanto, o contexto do discurso e do enunciado literários.

A LA, como sabemos, considera que a linguagem tem um papel central na vida dos sujeitos, mas entende também que ela é permeada por outras questões, que acabam se tornando fundamentais à satisfatória compreensão do objeto de estudo com que se está lidando. Tendo isso em vista, num movimento mais recente, a LA assumiu, mais do que nunca, uma perspectiva multi, inter e transdisciplinar de estudos. Atualmente, não apenas questões de linguagem são consideradas nas investigações, mas também outros conhecimentos, principalmente alguns oriundos das Ciências Sociais, das Ciências Políticas, da Análise do Discurso, da História e da Economia. Aqui tomamos o dizer de Moita Lopes (2009), para quem a Linguística Aplicada hoje em dia

Trata-se de uma Linguística indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como uma disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (FABRÍCIO, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar limites ou tentar ‘pensar nos limites’ ou ‘para além dos limites’ (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

Nesse contexto, a LA tem como premissa considerar o fenômeno linguístico como uma prática social e, tal qual no pensamento bakhtiniano, a linguagem é entendida não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade axiologicamente saturada não apenas por fatores temporais ou espaciais, mas axiologicamente pelos índices sociais de valor. Como se pode notar, tal noção bakhtiniana de linguagem encontra respaldo na concepção defendida pela LA. Ora, vejamos o que Bakhtin (2011, p. 307) diz sobre o tipo de pesquisa que ele realiza:

Cabe denominar *filosófica* a nossa análise antes de tudo por considerações de índole negativa: não é uma análise linguística, nem filosófica, nem crítico-literária ou qualquer outra análise

(investigação) especial. As considerações positivas são estas: nossa pesquisa transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas, em seus cruzamentos e junção.

Como se pode notar, são reflexões e modos de agir que guardam uma similitude bastante considerável em relação aos pressupostos sobre os quais se assentam os fundamentos da LA. Entendemos que o estudo do fenômeno literário, enquanto discurso dialogizado, requer esse trânsito pelas diversas áreas de contato (linguística, filosofia, sociologia, antropologia, história, até mesmo psicologia, dentre muitas outras), numa postura indisciplinar, transgressora, violadora, ousada, fronteira e movediça, ou seja, a mesma defendida pela LA.

Além disso, a compreensão da obra literária como um enunciado concreto, inserido num tipo linguístico relativamente estável (um gênero discursivo) torna possível a análise da questão do estilo sob a ótica da LA, uma vez que a esta interessa a linguagem como prática social, situada espacial e temporalmente, seja ela uma manifestação literária ou extraliterária. Entender o estilo como um posicionamento sócio-ideológico *diferenciado* do autor frente aos diversos discursos circulantes em sua época e em outras é, exatamente, compreendê-lo como objeto de estudo da Linguística Aplicada.

7. A título de (in)conclusões

As discussões travadas até aqui, os diálogos que tentamos efetuar entre as concepções de estilística para Bakhtin, Bally e Vossler e todas as demais reflexões que promovemos foram uma realização que almejou lançar alguma luz sobre os estudos estilísticos. Não que não tenhamos estudos nessa área ou que esses estudos vivam uma espécie de penumbra ou escuridão. Até temos inúmeros trabalhos sobre o tema, mas a grande maioria deles enxerga como única a perspectiva da estilística clássica, chamada por Bakhtin (2010) de “tradicional”, desconsiderando a grande contribuição que uma abordagem fora do campo estruturalista, positivista e subjetivista poderia dar à questão.

Foi, especialmente, por esses motivos que resolvemos tratar de engendrar a discussão presente neste artigo a partir da problematização da *forma composicional* e da *forma arquetônica* em relação às duas concepções de estilística que trouxemos. Foi pelos mesmos motivos também que resolvemos estabelecer uma ponte entre os estudos de Linguística Aplicada e os estudos de estilística, já que, via de regra, estes são encarados como assunto de crítica ou teoria literárias. Jamais tivemos a intenção de dicotomizar o assunto, pois não seria uma atitude cientificamente produtiva. Quisemos, sim, apresentar ao leitor uma outra visão de estilo, ao nosso ver, mais condizente com a concepção de linguagem como prática social.

Com base nas discussões, pudemos, assim, chegar a seis conclusões, mesmo que provisórias, as quais apresentamos a seguir: (i) a discussão sobre estilística como disciplina é algo muito recente, remontando ao início do século XX; (ii) Charles Bally e Karl Vossler são os principais personagens da virada nos estudos sobre estilo, o primeiro seguindo a vertente positivista e estruturalista e o segundo, a concepção idealista de linguagem; (iii) Bakhtin, ao desenvolver a teoria do romance e situar sua concepção de linguagem fora do âmbito do formalismo linguístico, constata a insuficiência das correntes tradicionais no que diz respeito aos estudos estilísticos da prosa romanesca, uma vez que esta é marcadamente plurilinguística, pluridiscursiva e plurivocal, ao passo que a estilística tradicional se assenta numa concepção

monologizante de língua; (iv) em virtude de tal insuficiência, Bakhtin propõe a consideração de uma nova concepção de estilística, a qual chama de “estilística sociológica”, a qual tem por premissa considerar o enunciado concreto, mesmo o de caráter literário, como um todo orgânico, necessariamente provido de um tom social básico; (v) a mencionada nova concepção parte do princípio de que o discurso literário é apenas uma variedade dentre a gama de discursos que circulam no tempo e no espaço, sendo, portanto, saturado axiologicamente e constitutivamente dialogizado; e (vi) o estilo, nessa nova concepção, é encarado como um posicionamento sócio-ideológico *diferenciado* do autor frente aos diversos discursos circulantes em sua época.

Em suma, foram essas as conclusões a que chegamos a partir do presente estudo. Com elas, esperamos ter contribuído para a compreensão do estilo na perspectiva de estudos que consideram as formulações teóricas do Círculo de Bakhtin. Numa atitude genuinamente dialógica, esperamos, finalmente, que as reflexões aqui realizadas possam se tornar apenas mais um enunciado na cadeia virtualmente infinita de discursos que o precedem e os que ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ruy Magalhães de. A estilística através dos textos – parte 1. **Revista Philologus**. Ano 7. Número 19. 2001. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(19\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(19)01.htm). Acesso em 25 de Agosto de 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LOPES, Moita. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (orgs). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA, R. A. Rodrigues, R. H. **Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da lingüística**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.